

João Sattamini
Hermelindo Fiaminghi na Coleção João Sattamini

A presente exposição de Hermelindo Fiaminghi (São Paulo, 1920), organizada a partir das obras provindas da Coleção João Sattamini – atualmente abrigada no MAC-Niterói -, abrange o período entre as décadas de 1950 e 1980. A estas obras acrescentam-se algumas gravuras recentes do artista, gentilmente cedidas para esta mostra. *→ com - de*

Sua carreira inicia-se, de fato, na década de 1930, quando, aos quinze anos, começa a trabalhar como litógrafo profissional da Companhia Melhoramentos. No ano seguinte, passa a freqüentar o Liceu de Artes e Ofícios, dividindo o seu tempo entre as atividades artísticas e seu demais afazeres. Na década de 1950, já decidido a fazer das artes plásticas sua atividade principal, interessa-se pela arte abstrata, notadamente aquela marcada por uma aproximação construtiva. Entre 1950 e 1953 desenvolverá uma série de trabalhos que, apesar de suas diferentes naturezas, compartilharão um repertório comum de elementos: como artista gráfico uma série de peças para a Escola de Propaganda do MASP e, como artista plástico, produzirá pinturas construídas segundo uma estrutura de organização geométrica do espaço. A participação de algumas destas obras na III Bienal de São Paulo, em 1955, motivará o contato com o grupo de artistas concretos paulistas (dentre outros, Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, além da proximidade a Volpi), fazendo com ele que trave contato com as idéias deste movimento, trazidas pelo artista suíço Max Bill.

Fiaminghi continuará nas décadas seguintes atuando em diversas frentes, por exemplo, na execução gráfica de alguns poemas dos irmãos Campos e de Décio Pignatari. Nas artes plásticas, assinala um decidido aprofundamento de suas pesquisas visuais no campo da pintura, elaborando, na década de 1960 (e prosseguindo daí em diante), a noção de *Corluz*, uma cor dotada a um só tempo de sua potencia máxima tanto física (luz) quanto química (tinta). A obtenção dessa intensidade comunicativa plena da obra de arte, investe na evidência de seus elementos construtivos (linha, cor, pincelada, forma, etc.) como aqueles realmente capazes de ativar mais profundamente a sensibilidade. Neste sentido, sua obra assume uma posição bastante singular dentro das linguagens construtivas no Brasil e suas conseqüências. Conforme o próprio artista já declarou, toda sua obra pode ser entendida como *concreta*. Porém este caráter nela mostra-se bastante diferenciado. Em primeiro lugar porque a arte concreta evade-se de uma aproximação superficial, evitando ser vista apenas como simples e irrestrita observância de um rigor geometrizar. O postulado concretista, em sua essência, seria, portanto, uma reconfiguração, através do olhar, de uma experiência total do mundo (algo que poderia se comprovar pela sua ambição em prolongar-se, espalhar-se pelo mundo, inserindo-se através dos mais diversos objetos – cartazes, roupas, cadeiras, etc. – na vida cotidiana). Nas pinturas de Fiaminghi, talvez quase reciprocamente em relação às suas atividades pragmáticas, esta experiência plena da visualidade corresponde à tentativa da obtenção do máximo que seus elementos possam fornecer: a cor deve lograr atingir seu timbre mais elevado ou mais profundo. A superfície ou a pincelada deve manter ora uma concisão ora sua individualidade intuitiva. A pintura, portanto, demarca-se curiosamente, como uma experiência radical da visualidade, uma vez que deveria conter em si toda a sua força expressiva.

Daí podemos chegar ao segundo ponto daquilo que entendemos como singular no *concretismo* de Fiaminghi. Diferente de Waldemar Cordeiro, que opta por uma investida cada vez mais atenta às novas tecnologias, ou dos “dissidentes” do Neoconcretismo carioca, como Helio Oiticica, Lygia Clark ou Lygia Pape, que aprofundam o caráter expressivo ativado pela participação efetiva, tátil, do espectador,

Fiaminghi escolhe pela aproximação junto a Volpi, o antigo campeão do Grupo Santa Helena. Naturalmente, isto não representa demérito algum para nenhuma das partes, mas caminhos alternativos que se abrem. E a alternativa de Fiaminghi será a de insistir na pintura, ciente de que ela ainda poderia oferecer uma linguagem *significativa*.

A exposição encerra-se com a apresentação de um conjunto de gravuras. Fiaminghi atribui muito de seu aprendizado de cor à sua iniciação como gravador, uma vez que, para a execução de uma peça colorida, ele deveria de antemão saber lidar com cada chapa de cor separadamente, pensando no resultado final resultante do conjunto. Além, portanto, delas remontarem ao princípio de sua carreira, como que completando um círculo, alguns dos trabalhos aqui mostrados, executados em parceria com o Décio Pignatari, evidenciam a cumplicidade entre o artista com os poetas concretos, permitindo-nos ainda observar a verdadeira revolução de que ambos participaram (e protagonizaram!) tanto nas artes visuais quanto na poesia brasileira.

Com esta breve, porém ilustrativa, apresentação de sua obra no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, oferece-se ao público a ocasião de um valioso reencontro com a produção deste artista, uma das mais significativas trajetórias da arte brasileira nestes últimos cinquenta anos. Reafirma-se, ainda, o compromisso assumido pelo museu de apresentar gradualmente ao público a Coleção João Sattamini, de modo a permitir um contato com algumas das passagens mais importantes de nossas artes a partir da segunda metade do século XX. Por fim, o MAC-Niterói não pode deixar de registrar aqui seu agradecimento ao artista e sua família, especialmente a Mercedes e Maria Lydia Fiaminghi, pelo constante apoio e entusiasmo com que receberam a idéia desta exposição, não medindo esforços em cooperar com o museu em tudo aquilo necessário para sua realização.

Guilherme Bueno
Curador